



QUERERES EM HOOKS, PARKER E BUTLER.

Eixo 02 - Educação e Comunicação: fundamentos e teorias

Anselmo Lima de OLIVEIRA¹

Alfrancio Dias FERREIRA²

RESUMO

Construir um diálogo na escola sobre corpo e sexualidade não é uma tarefa fácil e, quase sempre, tem gerado silenciamento, incompreensão, desconhecimento. O propósito deste artigo é, justamente, promover diálogos, compreensões, conhecimentos a respeito das questões que envolvem as referidas temáticas. A abordagem teórico-metodológica aplicada foi influenciada pelos estudos pós-críticos, ancorados nos artigos publicados por bell hooks, Richard Parker e Judith Butler, inscritos no livro *Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*, organizado por Guacira Lopes Louro, 2000. Ademais, as entrevistas realizadas com discentes e docentes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe serviram como estratégias para produção de dados. Após análises e discussões empreendidas, evidenciamos a importância de construir diálogos entre alunos, familiares e escola sobre os referidos temas.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Sexualidade; Gênero; Educação.

ABSTRACT

Building a dialogue at school about body and sexuality is not an easy task and, almost always, it has generated silence, incomprehension, ignorance. The purpose of this article is, precisely, to promote from this dialogues, understandings, knowledge about the issues that involve as thematic references. The applied theoretical-methodological approach was influenced by post-critical studies, anchored in the articles published by bell hooks, Richard Parker and Judith Butler, registered in the book *Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*, organized by Guacira Lopes Louro, 2000. Furthermore, those assigned to students and professors at the College of Application of the Federal University of Sergipe served as a program for data production. After analysis and execution, we highlighted the importance of building dialogues between students, family and school on the defined themes.

KEYWORDS: Body; Sexuality; Genre; Education.

¹ Universidade Federal de Sergipe (UFS): Mestre em Educação – UFS; Grupo de Pesquisa: Educação e Sociedade, sujeitos e práticas educativas – CNPq; e-mail: anselmo281868@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe (UFS): Doutor em Sociologia – UFS; Grupo de Pesquisa Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero – CNPq; e-mail: diasalfrancio@gmail.com



1 Introdução

Antes de entrarmos a fundo em nosso diálogo, é importante dizer que o propósito central deste texto é problematizarmos as categorias corpo e sexualidade na educação a partir de bell hooks, Richard Park e Judith Butler. Também que nossa conversa dar-se-á dentro dos limites que o espaço deste artigo e meu conhecimento permitem.

Trabalhar corpo e sexualidade no ambiente escolar não é nada fácil nem simples. Isto é notório. Preconceitos, discriminações, opressões, desconhecimentos, silenciamentos, rejeições são algumas facetas presentes no dia a dia escolar. No entanto, os corredores, os pátios, as quadras poliesportivas, as salas de aula, as salas de direção, de supervisão, de coordenação, enfim, todos estes ambientes estão permeados - veladamente ou não - de comportamentos e atitudes característicos da irracionalidade, brutalidade, injustiça e desumanidade. Toda essa tragédia não é somente a brutalidade dos maus, mas o silêncio dos bons. Afinal, toda injustiça, independente do lugar, constitui uma grande transgressão à justiça em todo lugar, pois, como bem diz Norbert Elias, vivemos em rede. Então, o que toca alguém diretamente, afeta todos nós de uma forma indireta.

Apesar de toda essa indignidade, é condição *sine qua non* aos que pesquisam os referidos temas pô-los em debate, tanto com aqueles que compactuam com as citadas temáticas quanto com os tantos outros que persistem na insensatez da negação do corpo e da sexualidade no ambiente escolar. Precisamos fazer uso das Ciências Sociais, da Educação para confrontarmos todo e qualquer negacionismo. Isso somente será possível a partir da construção de bons argumentos científicos, a partir de diversificadas estratégias alicerçadas nos estudos e pesquisas sobre o corpo e a sexualidade. Não podemos continuar assistindo tantas injustiças e permanecermos calados como se nada estivesse acontecendo.

É importante construirmos redes de diálogos, dando ênfase, obviamente, ao respeito. Desse modo, o objetivo deste texto é dialogarmos - de forma simples, porém, fundados na cientificidade - com a cientista social, Bell Hooks, com o pesquisador, Richard Parker e com a filósofa, Judith Butler. Os textos escolhidos para as discussões são: “Eros,



Erotismo e o Processo Pedagógico”, de Hooks; “Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade”, de Parker; e “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”, de Butler.

Apesar de alguns avanços, ainda é notório o adiamento sistemático dos debates sobre corpo e sexualidade, porque “o mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem de ser anulado, tem que passar despercebido” (HOOKS, 2000, p. 113). Dessa forma, nós, professores, fomos fabricados a partir do dualismo metafísico ocidental, cuja ideia centra-se na separação entre corpo e mente. Então, passamos a compreender que o acesso à sala de aula deve ser feito com a mente. O corpo, apesar de presente, deve ser negado e posto em segundo plano. Portanto, historicamente - sendo essa construção histórica produzida pelo homem branco - a atenção voltada ao corpo em sala de aula deveria e deve ser rejeitada.

No texto “Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade”, Richard Parker (2000) expressa o desejo de dialogar sobre a importância de explicitar o desenvolvimento das pesquisas sobre a sexualidade, bem como o comportamento sexual dos últimos anos. Desse modo, o autor aponta algumas razões que motivaram desenvolver as referidas pesquisas: primeiro, um contexto mais amplo de mudança nas normas sociais; segundo, a influência mais específica de movimentos político feministas, gays e lésbicos; em terceiro lugar, o impacto da emergente pandemia do HIV/AIDS; e, por fim, a preocupação crescente com as dimensões culturais da saúde reprodutiva e sexual (PARKER, 2000).

O supracitado texto de Parker não se propõe esgotar a discussão - nem poderia - sobre a sexualidade, mas traz em si a ideia de proporcionar uma visão geral e contundente sobre o desenvolvimento da pesquisa antropológica sobre a sexualidade, destacando as principais perspectivas teóricas, as quais serão problematizadas no percurso deste texto.

O texto “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”, é parte do livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, organizado pela pesquisadora Guacira Lopes Louro (2000). O referido artigo, escrito por Judith Butler (2000), é, portanto, o capítulo introdutório do livro *Bodies That Matter*, da mesma autora. Judith Butler (2000), dialogando com Lacan, Derrida, Foucault e outros, prefacia sobre a teoria da performatividade de gênero traçando um paralelo às questões relacionadas à



materialidade dos corpos. Ademais, autora, de forma introdutória, também põe a lupa no corpo *Queer*, problematizando o dualismo feminino/masculino imobilizado pelo histórico determinismo biológico.

2 Quereres em Bell Hooks

O corpo e a sexualidade, segundo Bell Hooks (2000), tornaram-se invisíveis nas salas de aula. Apesar da quantidade de pesquisas, da circulação e publicidade e dos debates, os referidos temas ainda enfrentam as mais duras restrições sociais, culturais e políticas. A repressão e a opressão são tamanhas ao ponto de importunar a autora, levando-a a questionar: “o que se faz com o corpo na sala de aula?” (HOOKS, 2000, p. 113).

A partir da citada questão, Hooks (2000) inicia um diálogo reforçando a ideia de que os corpos de professoras e professores desaparecem nas salas de aulas: “Nós, professoras e professores, raramente falamos do prazer de Eros ou do erótico em nossas salas de aula” (HOOKS, 2000, p. 113). Sem dúvida que a autora tem demonstrando certa preocupação quanto a não construção de diálogos sistemáticos sobre estes temas. Também está evidente o viés tomado por Hooks (2000): debater e problematizar o corpo e a sexualidade a partir do Eros e do Erótico. Parece existir uma redoma ao redor dos diálogos sobre corpo e sexualidade a partir da perspectiva do Eros e Erótico. É como se todos virassem as costas e, por motivos outros, não quisessem se expor aos temas no ambiente escolar.

Ao entrevistar uma docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, em 2016, fui surpreendido com uma história triste e lastimável: o suicídio de um aluno. A entrevistada relatou-me que havia um aluno bastante estudioso e muito aplicado. Mas, por ser homossexual, sofria os mais cruéis preconceitos e discriminações. Ante as rejeições, o citado aluno passou a silenciar, entrando em um estado de silenciamento. Após, o torpor e talvez a depressão. Como olhos lacrimejando, a professora descreve:

Eu tive experiências quando eu ensinava na Agrotécnica, foi muito forte em relação a essa questão da sexualidade. Eu tinha um aluno muito bom, um aluno de Porto da Folha, era, assim, um dos melhores alunos da turma e esse aluno era homossexual, mas, assim, muito discreto, adolescente ainda. E ele se suicidou no colégio. Era o terceiro ano. (PARTICIPANTE 2, 2016).



Com pesar, a docente relata o jugo que veio sobre aquele aluno. Descreve, ainda, certa negligência por parte daqueles que deveriam dar o devido suporte psicológico. Segundo ela, a escola foi omissa, pois havia profissionais responsáveis e capazes de lidar com situações de conflito. A partir deste episódio, a professora entrevistada disse que passou a refletir melhor a respeito da sexualidade, buscando compreender todo contexto que envolve alunos vulneráveis.

Então, o corpo e a sexualidade daquele jovem estudante - em meio às aulas diárias, as brincadeiras nos pátios da escola, entre os amigos e amigas, professores e professoras, coordenadores e coordenadoras - sofriam com uma das maiores perversidades da humanidade: a rejeição. O corpo sem importância, a sexualidade negada; o corpo desprezado, a sexualidade vilipendiada. Em meio a um turbilhão de excludentes, restou-lhe por fim à vida.

Para Hooks (2000), o silenciamento sobre a sexualidade em sala de aula está associado à negação e repressão. Professoras e alunas têm suas vozes negadas em um ambiente que, supostamente, deveria estar aberto ao diálogo a respeito dos mais variados temas. O debate sobre corpo e sexualidade quase sempre é mantido em sigilo. Essa discussão tem sido adiada por anos, perpetuando, desse modo, a discriminação e opressão. Então, Hooks (2000) sugere que professoras e professores entrem inteiros nas salas de aula, ou seja, entrem dispostos ao enfrentamento. Convictos da necessidade de explicar temas tão importantes a fim de evitar todo erro cometido por meio do preconceito. Talvez, somente através da exposição poderemos expurgar a ignorância, a injustiça, a falta de respeito, a desumanidade presentes em nossa sociedade.

No texto “Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico”, Hooks (2000) faz um relato de uma história um tanto inusitada, onde ela tratava certo aluno com bastante rispidez. Alguns alunos passaram a observar o tratamento duro dado por Hooks àquele específico aluno, então, em seguida a denunciaram. Diante da situação, a terapêutica da escola convidou Hooks para uma conversa. Após conversar com a terapêutica, Hooks percebeu que “[...] estava eroticamente atraída por este estudante” (HOOKS, 2000, p. 114). Logo, o mistério foi desvendado: Hooks tratava aquele aluno com dureza em virtude da repressão e negação que ela própria havia sofrido durante anos. Não podendo dar vazão ao sentimento, ao Eros, ao Erotismo, canalizava a austeridade àquele aluno.



O corpo e a sexualidade são, demasiadamente, vigiados e punidos (FOUCAULT, 2014). Apesar dos avanços das pesquisas, as discussões no ambiente escolar sobre estes temas são realizados com certa superficialidade. Para além, é necessário que os debates sobre esses temas tenham a presença de cientistas sociais. Não podemos continuar dando voz aos despreparados. A partir disso, os diálogos sobre os citados temas tornar-se-ão mais significativos, explicativos, contundentes, além de eliminar mitos e equívocos.

Em uma das entrevistas realizadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS), evidenciou-se que durante o ano letivo os temas corpo e sexualidade foram trabalhados com algumas turmas de alunos. A participante da pesquisa disse que “[...] um policial veio aqui falar sobre a questão da violência, mesmo, e da infração, das medidas penais” (PARTICIPANTE 13, 2016). Ao ser questionada se a escola havia convidado especialistas em gênero, corpo e sexualidade, ouviu-se um sonoro “Não! Não!” (PARTICIPANTE 13, 2016). Para Seffner (2011), “abordar temas relativos a gênero e sexualidade exige nas escolas a presença de professores com formação específica” (SEFFNER, 2011, p. 569).

Se a escola pretende estender os debates sobre corpo e sexualidade, necessita dialogar com pais, mães e responsáveis pelos alunos. Teremos que trabalhar em várias frentes: através das pesquisas científicas, dialogando com a escola e responsáveis pelos alunos e pleiteando políticas públicas. Haverá grandes obstáculos e estaremos fadados ao fracasso se persistirmos num caminho de via única. Estes são os caminhos para a nobre luta pela justiça social.

Para além, parte da mídia tem contribuído para a divulgação de mentiras e meias verdades a respeito das questões relacionadas aos estudos de gênero. Isto tem confundido a opinião pública. Assim como no passado o termo “feminismo” foi estigmatizado por parte da sociedade, na atualidade a “ideologia de gênero” tem sido empregada de forma depreciativa. Compete a todos nós, pesquisadores, professores, estudiosos de gênero, ressignificar estes termos, assim como ocorrera com a palavra “queer”. Afinal, existe uma campanha sistematizada e articulada pelos setores conservadores, cujo propósito é envenenar a sociedade e criar um ambiente de insegurança individual e social. Exemplo disto foi a invenção do “kit gay”, onde diversas mentiras foram divulgadas na grande mídia e nas redes sociais. Esta e outras ações falaciosas ganharam notoriedade e



conseguiram o objetivo: gerar medo e confusão na sociedade.

Em 2004, o governo Dilma lançou o programa Brasil sem Homofobia com o propósito de combater tanto a violência quanto o preconceito contra a população LGBTI+. O citado programa visava à formação de educadores para tratar questões relacionadas ao gênero, corpo e sexualidade. No entanto, em 2011, setores conservadores da sociedade e do Congresso Nacional iniciaram uma campanha difamatória e contrária ao programa. O “kit gay”, como ficou pejorativamente conhecido, intentava estimular a homossexualidade e a promiscuidade. Diante de tanta pressão, o governo recuou e suspendeu o projeto.

No final do texto, Hooks (2000) descreve que Eros não possui somente relações com o desejo sexual, mas, para além, diz respeito à paixão, à cumplicidade entre professora e aluno, ou seja, considera deixar cair as máscaras. Segundo a autora, importa explicitar o bom e o ruim que há em todos nós. Mostrar que todos nós estamos suscetíveis às paixões, aos fracassos, às alegrias. É ser em sala de aula o que somos de verdade, sermos autênticos. Assim, “[...] para restaurar a paixão pela sala de aula [...] devemos descobrir novamente o lugar de Eros dentro de nós próprios [...]” (HOOKS, 2000, p. 119).

2 Quereres em Richard Parker

No texto “Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade”, Parker (2000) busca “[...] dar uma visão geral do desenvolvimento da pesquisa antropológica sobre a sexualidade e o comportamento sexual no final dos anos 80 e nos anos 90 [...]” (PARKER, 2000, p. 123). Após listar uma série de razões sobre a ascensão das pesquisas sobre sexualidade, o autor descreve ser “[...] um dos campos mais inovadores e criativos da pesquisa antropológica contemporânea” (PARKER, 2000, p. 125).

No texto, Parker (2000) defende a teoria da construção social “[...] com base num conjunto diversificado de pesquisas, sustenta o argumento de que a sexualidade é construída de forma diferente através das culturas e do tempo” (PARKER, 2000, p. 126). Tal argumento é importante, porque sugere haver influências culturais e históricas sobre a sexualidade. A partir dessas ideias do referido autor é possível problematizar a dominação da cultura ocidental sobre outras culturas a respeito da sexualidade. A cultura ocidentalizada da sexualidade passa, então, a ser construída como padrão, como norma.



No entanto, a partir dessas normatizações, observa-se tanto a diversificação de culturas quanto a variação de sexualidade. Ou seja, ao mesmo tempo em que as padronizações são instituídas, são, também, subvertidas, criando outras e novas culturas da sexualidade.

Outra questão que deve ser levada em conta é, portanto, compreender as distinções existentes entre o contexto social e individual, não os pondo, obviamente, em uma formação hierarquizada. Dialogando com Foucault (1978 – livro), Parker (2000) enfatiza a “[...] preocupação com os cenários culturais mais amplos, com as práticas discursivas e com os complexos sistemas de saber e poder [...]” (PARKER, 2000, p. 130). Estas questões acabam produzindo novos significados e outras experiências sobre o corpo e a sexualidade em várias esferas sociais, culturais e históricas. Portanto, as questões relacionadas à sexualidade devem ser tomadas de forma socialmente abrangente. Não descartando nem desprezando a ideia da individualidade, mas conduzindo as discussões e diálogos sobre a sexualidade para lugares mais amplos, para arenas mais complexas.

É perceptível, portanto, a existência de novos focos de investigações das pesquisas, onde o comportamento sexual em si e por si mesmo tem acessado novos espaços culturais. Assim, “o que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente [...]” (PARKER, 2000, p. 134). Isto implica dizer que as questões relacionadas a gênero - e aqui estão imbricados o corpo e a sexualidade - não podem nem devem sofrer reducionismos, ou seja, não estão vinculadas a qualquer dicotomia biológica subjacente.

Outra questão que deve ser considerada é a economia política da sexualidade. A revolução sexual, o feminismo, a liberação gay, o movimento por direitos civis têm produzido mudanças estruturais nas sociedades. Dialogando com Lancaster e di Leonardo (1997), Parker (2000) evidencia que as “[...] metamorfoses nas relações de gênero e nas relações sexuais, em nível social, refletem sempre mudanças políticas, econômicas e culturais mais amplas” (PARKER, 2000, p. 136). As mulheres, por exemplo, têm acessado o espaço público por meio de muitas batalhas. Todavia, a falta de direitos plenos nas sociedades têm produzido opressões às mulheres. Apesar disto, a mulher tem amplificado dia a dia a participação no ambiente econômico, antes exclusivo e restrito ao homem. No entanto, apesar dos avanços, as noções predominantes sobre sexualidade, corpo e gênero são, ainda, nutridas por mentalidades colonialistas e sustentadas por setores conservadores da



sociedade.

Ao final, Parker (2000) considera ser importante levar às escolas o debate sobre o corpo e a sexualidade. Esta ideia se entrelaça ao pensamento de que tanto o corpo quanto a sexualidade estão presentes na escola (LOURO, 1997). Como dito acima, as discussões sobre os referidos temas devem ser alicerçadas entre a escola e a família, evitando, portanto, as confusões geradas pela falta de conhecimento.

3 Quereres em Judith Butler

No texto “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”, Butler (2000) introduz os conceitos básicos sobre a materialidade do corpo e a performatividade do gênero. Então, a autora inicia o texto com duas questões: “Existe alguma forma de vincular a materialidade do corpo e a performatividade do gênero? E como a categoria “sexo” figura no interior de uma tal relação?” (BUTLER, 2000, p. 151). O referido artigo, o qual é parte do livro *Corpo Educado*, organizado por Guacira Lopes Louro (2000), é, na verdade, a parte introdutória do livro *Bodies that Matter*, escrito por Butler (2011).

Nas pinceladas iniciais, Butler (2000) sugere que a diferença sexual entre mulher e homem é evocada como uma questão referente às diferenças materiais dos corpos. No entanto, o corpo se manifesta em gênero. Segundo a autora, a diferença sexual é marcada e formada por práticas discursivas, ou seja, o discurso produz a diferença sexual. O sexo funciona como norma, mas também “[...] é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (BUTLER, 2000, p. 151). A partir disto a força regulatória age como uma espécie de poder produtivo que demarca, faz, circula, ou seja, diferencia os corpos que ela, a força regulatória, controla.

Ademais, Butler (2000) evidencia, portanto, que o sexo é um constructo ideal que é materializado através do tempo. Segundo ela, tal constructo ideal é, de fato, uma criação puramente mental, evidenciado pela percepção. Para a autora, o sexo não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas trata-se de um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o sexo e produzem essa materialização por meio de uma repetição das normas. As normas regulatórias, por exemplo, definem - através da repetição dessas normas - que o corpo feminino é submisso ao masculino. Essa regulação



ocorre por meio dos discursos biológico, político, religioso, pedagógico etc. Portanto, os discursos fabricam hierarquizações do sexo.

Ainda sobre a referida questão, Butler (2000) destaca que a necessidade dessa reiteração/repetição [das normas] sinaliza que a materialização nunca está completa, nunca termina, pois os corpos não se conformam com tais normatizações. A instabilidade causada pela rematerialização dos corpos, segundo Butler (2000), volta-se contra si mesma, gerando novas rearticulações das normas regulatórias. Em outras palavras, isso funciona como se a força hegemônica da norma regulatória, a qual materializa os corpos, passasse a se reinventar, reconstruir-se e se refabricar.

A ideia de performatividade encontra-se em desenvolvimento e está aberta e em constante transformação (DERRIDA, 1990). Cunhada pelo inglês J. L. Austin, cuja proposição era problematizar os enunciados que, segundo ele, não se classificam como verdadeiros ou falsos, mas que evidenciam algo, a citada palavra foi ressignificada por Butler (2013).

Após receber duras críticas por não ter dado conta de explicar, segundo os críticos, a materialidade dos corpos, a autora lança o livro *Bodies that matter*. A principal crítica estava relacionada ao fato de que o corpo possui matéria, não sendo somente reflexo da linguagem. Então, visando a produzir respostas contundentes sobre as críticas, Butler (2000) lança, inicialmente, duas questões descritas no início deste texto: “Existe alguma forma de vincular a materialidade do corpo com a performatividade de gênero? e como a categoria do “sexo” figura no interior dessa relação?” (BUTLER, 2000, p. 151). Em seguida, Butler (2000) responde dizendo que não tem como negar a materialidade do corpo. O que não existe, segundo ela, é atrelar o corpo a uma imposição biológica, ou seja, construir hierarquizações a partir das diferenças dos corpos e da sexualidade. Desse modo, torna-se impossível pensar o sujeito sem vincular ao corpo e à sexualidade.

Como a performatividade é uma repetição dentro de uma temporalidade - o corpo masculino, por exemplo, acaba repetindo comportamentos, gestos, falas, atitudes supostamente inerentes ao mundo masculino -, Butler (2000) evidencia o corpo *queer*, o qual escapa aos padrões de corpos construídos nos intervalos de movimentações da performatividade. São corpos que não se inscrevem nem no masculino nem no feminino, segundo a autora.

O termo *queer* tem sido usado na cultura anglo-saxônica para se referir, de forma



pejorativa, às pessoas homossexuais. No entanto, pesquisadores e atividades veem se apropriado e ressignificando do termo queer. Larissa Peluço, professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), estudiosa da teoria queer, propõe que o queer, no Brasil, não deveria ser chamado dessa forma. Segundo ela, nos Estados Unidos da América (EUA), o termo queer é agressivo e ofensivo. Para Peluço, no entanto, o termo queer, no Brasil, não produz o impacto que é gerado nos EUA. Soa, segundo ela, como algo gourmet. Dessa forma, a proposta de Peluço é a de que o termo deveria ser teoria cu, pois causaria maior impacto, construindo novos lugares, novas posições para que os sujeitos possam falar, possam existir, possam ser possíveis.

Para Butler (2000), a materialização do sexo ocorre de forma reiteirada. Então, por ser reiteirada não alcança a completude, ou seja, sempre está indo e vindo, causando frequente movimentação, sugestionando, por fim, a não estabilidade. Segundo a autora, a força regulatória - incompleta e que se rematerializa - pode se voltar, inclusive, contra si mesma, pondo em questão a força hegemônica da força regulatória. Desse modo, as normas regulatórias do sexo agem de forma performativa para, em seguida, construir a materialidade dos corpos e do sexo; para materializar a diferença sexual em favor da heteronormatividade. Por fim, o sexo, segundo Butler (2000), não é apenas a descrição estática daquilo que alguém possui, mas é aquilo que qualifica o corpo.

Considerações Finais (tamanho 14 e negrito)

Muitas ideias, dúvidas, compreensões, ou seja, tratamos de conceitos em desenvolvimento, como dito acima. São questões que não se esgotam e nos conduzem a outras questões. Como se uma ideia puxasse outra ideia. Assim, vamos construindo o conhecimento e nos desprendendo de mitos antigos.

Na contramão das descobertas e evidências científicas, o discurso político-governamental tem insistido em negar as pesquisas científicas, objetivando a manutenção da tradição referendada por setores conservadores da sociedade. Todavia, pesquisadores, pesquisadoras, professoras, professores têm trabalho arduamente para demonstrar a importância da ciência e a desconstrução de falácias e lendas.

Corpo e sexualidade têm uma história e podem ser entendidas com um construto social,



cultural e político. Portanto, estas categorias podem e devem ser trabalhadas nas escolas. Como dito, a escola pode dialogar com a família. A escola tem que evitar esse silêncio aterrador sobre a sexualidade e o corpo. A escola pode produzir discussões com a participação de cientistas que trabalham estes temas. Não podemos continuar na manutenção dos preconceitos, discriminações e opressões.

Referências (tamanho 14 e negrito)

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BULTER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DERRIDA, Jacques. **Signature event événement contexte**. In: *Limited Inc*. Paris, Galilée, 1990, pp. 15-51.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HOOKS, Bell. *Eros, Erotismo e o processo pedagógico*. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LANCASTER, Roger N. e di LEONARDO, Micaela (Orgs.). *Thegender/sexuality reader: culture, history, political economy*. Nova York e Londres: Routledge, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Uma perspectiva Pós-Estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PARKER, Richard. *Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade*. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PARTICIPANTE 2. Depoimento [maio 2016]. Entrevistador: Anselmo Lima de Oliveira. São Cristóvão: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, 2016. Entrevista concedida para a pesquisa sobre corpo, gênero e sexualidade na Educação.

PARTICIPANTE 13. Depoimento [maio 2016]. Entrevistador: Anselmo Lima de Oliveira. São Cristóvão: Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, 2016. Entrevista concedida para a pesquisa sobre corpo, gênero e sexualidade na Educação.



SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 19, n. 2, 2011, p. 561-572.